

LAÇOS
DE
HÉRCULES

Outras obras de
JASMINE MAS

Cruel Shiffterverse

Psycho Shifters

Psycho Fae

Psycho Beasts

Psycho Academy

Psycho Devils

Psycho Gods

Vilões da Mitologia

Sangue de Hércules

Para saber mais sobre Jasmine Mas,
visite o site: jasminemasbooks.com.

LAÇOS DE HÉRCULES



JASMINE MAS

Tradução de Sara Orofino



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2026

Laços de Hércules

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 JASMINE MAS

ISBN: 978-85-508-2723-0

Translated from original Bonds of Hercules. Copyright © 2025 by Jasmine Mas. ISBN 9781335146984. This translation is published and sold by arrangement with The Foreign Office Agência Literária, S.L. and The Whalen Agency, Ltd., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M391
Mas, Jasmine.
Laços de Hércules / Jasmine Mas; tradução de Sara Orofino. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Alta Novel, 2026.
480 p.; il.; 13,3 x 20,3 cm.
Título original: Bonds of Hercules
ISBN 978-85-508-2723-0
1. Romance norte-americano. 2. Fantasia. 3. Romance Fantástico. 4. Mitologia grega – Ficção. I. Orofino, Sara. II. Título.
CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana: Romance 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Sara Orofino

Capidesque: Luíza Thomaz

Revisão: Fernanda Lutfi

Diagramação: Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

ABE
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE EDITORES

ASSOCIADO



Este livro é dedicado a todas as pessoas que passam a noite lendo fanfics sobre relacionamentos que as fazem se perguntar:

“Será que eu estou bem?” Esta história é para vocês.

Amostra

ALERTA DE CONTEÚDO

Este livro possui cenas de violência excessiva, linguagem explícita e uma breve alusão à violência sexual.

Por favor, cuide-se enquanto desfruta da leitura.

AS 12 CASAS DE ESPARTA

CASAS OLIMPIANAS

A CASA DE ZEUS

A CASA DE HERA

A CASA DE ATENA

A CASA DE HERMES

A CASA DE POSEIDON

A CASA DE DEMÉTER

A CASA DE APOLO

A CASA DE DIONISO

CASAS CTÔNICAS

A CASA DE ARES

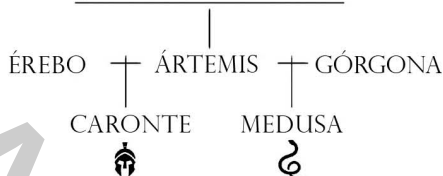
A CASA DE HADES

A CASA DE ÁRTEMIS

A CASA DE AFRODITE

LINHAGENS DAS CASAS CTÔNICAS

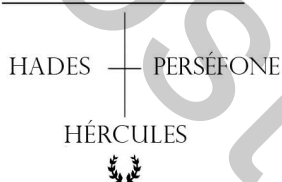
CASA DE ÁRTEMIS



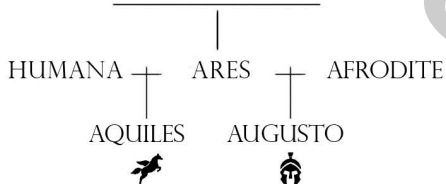
CASA DE AFRODITE



CASA DE HADES



CASA DE ARES



 HERDEIRO DA CASA  MESTIÇO

 HERDEIRA DA CASA  FUGITIVA

HOMENS CTÔNICOS: DADOS

AUGUSTO

NOME: Augusto, herdeiro da Casa de Ares.

APELIDOS: O herdeiro Ctônico mais velho. Herdeiro da Casa da Guerra. O Diplomata.

LINHAGEM: Pai — Ares, líder da Casa de Ares. Mãe — Afrodite, líder da Casa de Afrodite.

AFILIAÇÃO DA CASA ESPARTANA: Ctônica.

ALTURA: 1,98 metro.

PESO: 115 quilos.

DATA DE NASCIMENTO: 1 de agosto de 2067.

PODERES: Opressão mental, destruir mentes.

ANIMAL PROTETOR: Guaxinim (furioso).

GRAU DE PODER: 85 de 100.

OCUPAÇÕES: Membro da Congregação da Morte. Fundador da fábrica de armas GSMM, junto a Pátro, Aquiles e Caronte. Acionista majoritário da GSMM.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO: 6 bilhões de dólares.

CARONTE

NOME: Caronte, herdeiro da Casa de Ártemis.

APELIDOS: O Caçador. Assassino. Sociopata. Soldado favorito de Hades. O barqueiro.

LINHAGEM: Pai — Érebo, antiga criatura das trevas. Mãe — Ártemis, líder da Casa de Ártemis.

AFILIAÇÃO DA CASA ESPARTANA: Ctônica.

ALTURA: 1,96 metro.

PESO: 120 quilos.

DATA DE NASCIMENTO: 1 de fevereiro de 2073.

PODERES: Toque, manipulação emocional.

ANIMAL PROTETOR: Cães do Inferno.

GRAU DE PODER: 70 de 100.

OCUPAÇÕES: Membro da Congregação da Morte. Fundador da fábrica de armas GSMM, junto a Pátro, Augusto e Aquiles.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO: 4 bilhões de dólares.

PÁTRO

NOME: Pátroclo.

APELIDOS: Pátro. Filho do Sexo. Líder da Díade Escarlata. O Homem Ideal. O Domador de Aquiles.

LINHAGEM: Mãe — Afrodite, líder da Casa de Afrodite. Pai — humano.

AFILIAÇÃO DA CASA ESPARTANA: Ctônica.

ALTURA: 1,95 metro.

PESO: 109 quilos.

DATA DE NASCIMENTO: 23 de agosto de 2078.

PODERES: Toque, descobrir mentiras.

GRAU DE PODER: 70 de 100.

ANIMAL PROTETOR: Jaguar de Nemeia.

OCUPAÇÕES: Membro da Congregação da Morte. Fundador da fábrica de armas GSMM, junto a Aquiles, Augusto e Caronte.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO: 3,5 bilhões de dólares.

AQUILES

NOME: Aquiles.

APELIDOS: Filho da Guerra. O Assassino. A Besta da Díade Escarlate.

LINHAGEM: Pai — Ares, líder da Casa de Ares. Mãe — humana.

AFILIAÇÃO DA CASA ESPARTANA: Ctônica.

ALTURA: 2 metros.

PESO: 132 quilos.

DATA DE NASCIMENTO: 23 de março de 2077.

PODERES: Torturar com a voz, detalhes desconhecidos.

ANIMAL PROTETOR: Lobo.

GRAU DE PODER: 95 de 100.

OCUPAÇÕES: Membro da Congregação da Morte. Fundador da fábrica de armas GSMM, junto a Pátro, Augusto e Caronte.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO: 3 bilhões de dólares.

Agathokakológico (adj., der. do grego)

Formado pelo bem e pelo mal

De acordo com a mitologia grega, os humanos foram originalmente criados com quatro braços, quatro pernas e uma cabeça com dois rostos. Temendo seu poder, Zeus os dividiu em dois, condenando-os a passar a vida inteira à procura da outra metade.

— Platão, *O Banquete*





LAÇOS DE HÉRCULES







A PROFECIA INCOMPLETA DE DESTINO

DESTINO: UM DIA NO FUTURO

Reclinei a cabeça, tragando a fumaça do cachimbo enquanto inspirava profundamente as ervas com pulmões antigos.

Símbolos, números e letras giravam em sequências incoerentes, cada uma como uma gota de água no mar agitado.

Meus olhos se reviraram e me entreguei por completo aos meus poderes, concentrando-me na correnteza.

Gotículas solitárias e reluzentes se ergueram sobre o mar tempestuoso, afastando-se para conversar comigo:

*“Tudo o que veio antes, a pessoa perdida mudará
Acorrentada aos soldados da morte, eterna ela se tornará
Os rudftoqsoreai serão... por... remedia...
etracno, e a Serpente da Mitologia*

*“O mal oculto a prisioneira irá refletir
Iaivgda por shaaontemschree... porvir
E o curso... é o... que vai redefinir*

*“Cura e renovação o monstro vai encontrar
Pois seu gordiu fozre a ospase... escutar.”*

Meus olhos se arregalaram.

A água se espalhou pelo meu rosto quando a chuva abriu caminho pelo céu.

Pela primeira vez em anos, as palavras enigmáticas reveladas a mim *ainda* estavam embaralhadas e escondidas. A incompletude do caminho era uma aberração, dura e profundamente desconcertante.

Agarrei a toga, boquiaberta, e o cachimbo caiu da minha boca.

Aquilo só podia significar uma coisa: outra pessoa também era capaz de ler as palavras premonitórias.

Havia outro espartano vivo que não apenas tinha o poder de Destino como também a rara habilidade de *usá-lo*.

Um fenômeno raríssimo havia acontecido, *de novo*.

Isso mudava tudo.





A SOBREVIVENTE

ALEXIS: Creta, maio de 2100

Dava para evitar as mortes humanas? — perguntou Perséfone, baixinho, quando o marido entrou pela porta da frente, as botas encharcadas de sangue carmesim.

Hades deu risada e beijou a testa dela.

— A missão foi um sucesso.

Semanas depois, aquela interação ainda me assombrava.

O sangue dos Titãs era preto.

E Hades nunca respondeu à pergunta.

Eu me afastei devagar do palácio enorme da Casa de Hades.

A antiga estrutura de mármore ficava no topo de uma colina na ilha de Creta, e o mar Egeu se estendia por todos os lados. No horizonte ocidental, o sol se punha com raios alaranjados flamejantes.

Os insetos zumbiam.

— Por favor, querida, você *não* tem que fazer isso — sussurrou Perséfone.

Ao seu lado, Charlie estava parado de maneira solene. Hidra, o dragão protetor empoleirado no ombro dela, soltou um grito melancólico misturado com fogo.

As chamas brilharam na escuridão.

Perséfone franziu ainda mais a testa.

Ouviu-se um zumbido intenso, e eu inclinei a cabeça para vê-la melhor.

Somente Charlie sabia aquele segredo: meu olho esquerdo era cego e meu ouvido esquerdo foi danificado para sempre. A infância violenta havia deixado marcas em mim.

E forjou o que eu era agora.

Uma sinfonia de vozes moribundas gritou dentro da minha mente. Eu havia matado todas elas.

Alexis, você não é uma pessoa má.

Meu verdadeiro nome era Hércules.

Sim, você é.

Trinquei os dentes.

Aquilo não era real.

Sim, é claro que é.

Eu só demorei vinte anos para enlouquecer.

Os dedos de Perséfone ficaram brancos ao apertar o braço de Charlie, suas togas esvoaçando na brisa primaveril do mar. Ondas sombrias se esgueiravam pela orla enquanto o sol desaparecia.

A noite chegou.

Afastei a manga da minha capa. Repuxei os lábios em um sorriso falso e apertei com delicadeza a tatuagem malfeita, C+A, no meu antebraço. O último presente que Perséfone me deu, dois refinados braceletes dourados, cobria as cicatrizes nos pulsos. O bracelete do meu casamento tilintou ao encostar em um deles.

Charlie assentiu para mim em toda a sua altura, os olhos amarelos gentis ao imitar o gesto.

Nix se remexeu debaixo das dobras soltas da minha toga de exercício, apertando meu torso com mais força do que o normal. Fofinho Jr. ganiu baixo e se deitou aos meus pés, e nosso laço protetor estremeceu.

A ansiedade fez os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Todos os meus instintos gritaram para eu abraçar Charlie. Em um mundo perfeito, eu nunca sairia do lado dele. Em um mundo perfeito, eu seria humana.

Mas não era. Estávamos em Esparta.

Deus, por favor, salve a minha alma.

A chama das tochas ladeando a entrada do palácio lançou sombras distorcidas em nossos rostos: mãe, filha e o mais novo filho adotivo.

Era tarde *demais* para a minha salvação.

— Sei exatamente o que você está sentindo. — A voz de Perséfone ressoou, os dedos dos pés descalços se curvando na grama-baixa que competia com as pedras na decoração da paisagem. — O seu medo e a sua raiva deixam um resíduo amargo na terra. Sinto o gosto dos seus... *impulsos*.

Ela estava sendo gentil. Contendo-se para não expor a profundidade da minha vergonha na frente de Charlie. Mas eu vi a expressão de pânico no rosto dela.

Perséfone sentia o meu delírio. Sabia que meu sangue assassino estava me queimando viva, derretendo aos poucos os pensamentos.

Na minha mente, o padre John estava jogando água benta no meu rosto.

— Você está possuída — sussurrou ele, os olhos arregalados de medo. — É como *eles*. Uma abominação.

Concordei de maneira solene.

— Alexis, concentre-se. — O poder vibrou na voz de Perséfone.

Levei um susto e voltei à realidade.

O padre John estava em algum lugar de Montana.

Eu estava hiperventilando em Creta.

Os abençoados e os amaldiçoados, coexistindo sob as mesmas estrelas.

— Alexis, *por favor* — insistiu Perséfone, os cachos loiros erguendo-se sob a coroa de louros dourada conforme usava os poderes para se comunicar com a terra.

A mãe dela era Deméter, mas seu pai era Iasion, uma criatura sombria aterrorizante, que se dizia ter poder sobre as plantas. Ela puxou a ele.

Perséfone era gentil e carinhosa, mas seus poderes eram *horripilantes*. Por exemplo, eu estava enlouquecendo, e ela podia literalmente sentir.

Nos últimos meses morando em Creta — evitando Satã e o Mal Encarnado (meus maridos) e tentando encontrar resquícios da minha saúde mental (sem sucesso) —, descobri que era um erro comum achar que a Casa de Hades era dona da ilha.

Hades não era o dono de Creta, e sim Perséfone.

O laço de casamento deles distorceu os poderes dela de criatura e os transformou em algo traiçoeiro.

Perséfone os mergulhou bem fundo no solo rochoso e reivindicou a terra. Ela literalmente *sentia* cada pessoa, animal e planta que andava por ali. Quanto mais tempo alguém ficava, maior era a sintonia dela com a pessoa.

Não era possível enganá-la.

Era por isso que a ilha estava abandonada, exceto pelos meus pais.

Nenhum espartano fazia visitas. *Nunca.*

— Essas emoções ruins te perturbam tanto, filha... Por favor, não deixe que te guiem — disse Perséfone, devagar, escolhendo as palavras com cuidado. — Você pode viver em segurança aqui. Pode dar um fim às batalhas.

Os cachos dela se ergueram ainda mais alto, desafiando a gravidade.

— A federação *não pode* te forçar a participar da Congregação da Morte — continuou ela, e Hydra soltou outro rugido de chamas alaranjadas. — Não podem te tirar desta ilha.

O fogo do dragão iluminou o amor nos olhos dela.

— Viva em segurança. Seja *melhor* do que aqueles que te feriram.

Tudo o que sempre quis foi uma vida pacata e simples para Charlie e eu. Comida, cama e um teto sobre nossas cabeças. A liberdade de passar os dias aprendendo e estudando.

O que Perséfone ofereceu era o paraíso.

Mas, depois de vinte anos agonizantes naquele mundo, eu enfim aceitei a verdade. Não fui feita para uma vida fácil. Estava destinada a fazer sofrer aqueles que me machucaram.

Esparta aprenderia a lição.

Eu usaria os meus poderes, ou morreria tentando. *Com certeza morreria.*

A diferença entre penitência e vingança era uma linha muito tênue, e eu já a atravessava aos poucos.

O poder ressoou na voz de Perséfone.

— Se for por este caminho, Alexis, não será fácil. Sua alma vai pagar caro... mas eu *acredito* em você. Você pode pagar. Só não será mais a mesma. Lembre-se... nosso mundo não é gentil.

Puxei o capuz da capa nova sobre a coroa de rubis pontiaguda.

— O meu também não era.

Eu já tinha perdido tudo: a liberdade, a decência e a *humanidade*.

Senti o medo existencial me sufocar e dei as costas a Perséfone e Charlie, descendo a colina depressa antes de perder a coragem. Fofinho Jr. correu ao meu lado, um borrão de pelo deformado.

No fim do gramado, Hades esperava por mim. Cérbero estava sentado ao seu lado e todas as três cabeças se viraram para mim, as línguas caídas e o rabo balançando de animação.

Fofinho Jr. pulou em cima dele e os dois rolaram na grama, ambos quase do mesmo tamanho.

Hades balançou a cabeça para a brincadeira deles. Uma névoa preta envolveu sua pele pálida e a escura toga comprida em curvas traiçoeiras. Seu poder fez novas vozes se juntarem ao coro.

— Ela não entende esse sentimento — disse Hades, baixinho, quebrando o silêncio. — O poder dela não é... *inquieto* como o nosso. Nós nascemos para a batalha.

Ele estendeu a mão para mim, mas eu me afastei. Hades nunca me machucou, mas era difícil mudar os instintos de anos de abuso. Quando alguém se move depressa em sua direção, você desvia. *Sempre.*

Hades baixou a mão, a fúria iluminando os olhos escuros. A névoa ficou mais densa à nossa volta e o mundo gelou. Os gritos aumentaram. Ele suspirou e a névoa gritante recuou.

A água bateu contra as rochas e os sons da ilha voltaram.

Hades franziu os lábios.

— Lembre-se do que te ensinei nos últimos meses: para sobreviver em Esparta, tem que entender sobre poder e medo. Tem que aprender a aceitar e controlar seus... sentimentos mais complicados. Ninguém teme os são.

Eu assenti, mas parecia a cabeça de outra pessoa sobre meus ombros.

— Para espartanos como nós, só há dois caminhos a seguir na vida — continuou Hades, baixinho. — Ou fugimos do que realmente somos, ou nos aperfeiçoamos e nos tornamos... lendas. — Seus olhos pretos arderam, vívidos. — Somos *nós* que moldamos Esparta. Seu poder é um veneno. Você vai brilhar no Combate dos Gladiadores.

Eu queria chorar.

— Não precisa ter medo da Congregação da Morte. Você é *minha* filha. Eles é que vão temer você — disse Hades, com veemência, e

abriu um sorriso melancólico. — Ambos os nossos sangues correm nas suas veias. — Ele olhou cheio de afeto para o topo da colina, onde Perséfone estava. — Você é o nosso milagre.

Tentei sorrir, mas meus lábios não obedeceram.

Não quero fazer isso.

Hades alisou o manto comprido da toga.

— Pegou suas armas?

Com dedos trêmulos, dei um tapinha no novo coldre de couro preso aos meus quadris e assenti.

— E você se lembra de tudo o que falei sobre a caçada da Congregação da Morte? — perguntou ele. — É só um trote.

— Acho que s-sim.

— Ótimo. — Hades estalou o pescoço. — Mal posso esperar para te ver lutar no coliseu neste verão, filha.

Tenho que fazer isso.

Meus maridos pagariam por terem me encurralado.

Hades se aproximou.

— Você e eu somos dois dos espartanos mais perigosos do mundo. Mas perigo não significa nada sem poder, e o poder não existe sem o medo... *Obrigue-os a temê-la, filha.* — Ele baixou a voz, como se compartilhasse comigo um segredo perigoso. — O que foi que eu te ensinei? Repita para mim. Uma última vez, antes de nos teletransportarmos.

Ele me encarou com expectativa.

— Ninguém teme os sãos — falei, meus lábios dormentes.

Você já chegou lá, e é a única que está com medo.

— Não se esqueça — disse Hades, estendendo a mão para mim e olhando incisivamente para o braço esticado.

Coloquei minha mão trêmula sobre a dele, e fios de seu poder cruel envolveram meu antebraço como se me abraçassem.

A Casa de Hades era sinônimo do mal, e eu era sua filha favorita.

— *Domus.* — A voz de Hades saiu abafada quando a escuridão explodiu ao redor.

Bum.

A paisagem mudou.

Pela segunda vez na vida, entrei no inferno.

Desta vez, por vontade própria.

A fumaça se ergueu em volta dos meus pés. O luar pálido penetrava a floresta coberta de gelo e uma brisa enregelante açoitava nossas togas. Hades soltou meu braço e deu um passo para o lado.

Um prédio alto e simétrico, preto como azeviche, se erguia de forma discreta em meio às sombras das árvores cobertas de neve: a base informal da Congregação da Morte.

Seis assassinos Ctônicos estavam parados em frente ao prédio.

O local? *A Sibéria.*

Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

Dois dos homens pareciam *ainda mais* assassinos. Seus olhares percorreram a lateral do meu rosto com uma intensidade cortante.

Três meses antes, eles me levaram ao altar. Ajoelharam-se diante de mim, venerando minha pele com lábios macios e toques reverentes. Agora, a crueldade emanava deles em ondas castigantes, com um vigor mais violento que o vento gelado. Eram deuses rai-vosos fingindo ser homens.

Salve-se quem puder, gritou minha voz interior.

Mas eu estava cansada de fugir.

Endireitei a coluna e imitei sua postura sobrenaturalmente rígida, fingindo não estar intimidada pelos Ctônicos.

Coldres carregados presos às axilas e coxas se estendiam sobre as camisas pretas e as calças cargo, e havia capacetes espartanos em suas cabeças. Pareciam guerreiros antigos vestidos de assassinos modernos, prontos para aceitar uma nova devota.

Eu estou pronta.

Não, não está.

Ignorei a voz da razão. Ali não havia lugar para ela.

O interior de Montana me preparou para duas coisas: vender órgãos no mercado clandestino e me juntar a um culto. Por algum motivo, tempos sombrios eram uma época propícia para participações desconfortáveis em grupos de atividades perigosas.

Nix deslizou debaixo da minha toga.

— Está tão frio que eu quero morrer — sibillou ela, em uma exibição motivacional de resistência mental.

Hades se mexeu ao meu lado. Cérbero, calmo e estoico, estava parado aos pés dele.

Em contrapartida, Fofinho Jr. cavava na neve. Com as orelhas empertigadas, ele mordeu a ponta de um galho, depois o engoliu.

Agora não.

Todos assistiram enquanto meu protetor engasgava.

Por fim, quando eu estava prestes a intervir, ele vomitou um pedaço meio mastigado de madeira e olhou para mim com o rabo balançando.

Deus dá as batalhas mais difíceis aos seus soldados mais fortes.

Rezei para morrer.

Ouvi um escárnio familiar.

Ergui os olhos, antes de lembrar por que não devia fazer isso.

Meu Deus.

O Diabo atendeu minhas preces.

Olhos azuis gélidos encararam os meus, e a temperatura na floresta despencou. Queimaduras de frio cravaram as garras congeladas no meu peito.

Os lábios de Caronte se ergueram em uma promessa predatória. Vislumbrei a tatuagem *Furia* bem marcada na frente do pescoço pálido.

Também havia sangue seco espalhado em sua boca. As unhas estavam pintadas de preto, os coldres esticados de maneira obscena sobre coxas musculosas e linhas esculpidas num abdômen trincado. Tatuagens cobriam seu braço direito, sombreando o corpo em uma ilusão de ossos esqueléticos que imitavam os que estavam sob sua pele.

O tempo desacelerou.

— Querida — ele gesticulou a palavra devagar com os lábios manchados de vermelho, sem deixar escapar nem um murmúrio. — *Cheguei.*

Meu coração parou.

Um colapso cardiovascular completo.

Eu tinha me esquecido da sensação de encará-lo. Tinha me esquecido de como minhas células paralisavam com um pavor infame quando um instinto profundo e animalesco gritava para que eu *saísse de perto dele*. Tinha me esquecido de como ele gritou aquela saudação de forma zombeteira todas as vezes que visitou Corfu.

Agora eu me lembrava.

— Olá, *caríssima* — continuou Caronte, em silêncio, apenas com os lábios.

Sua postura era hostil, a expressão totalmente desrespeitosa.

Carnívoros gostam de brincar com a presa.

O Caçador estava parado diante de mim, uma criatura capaz de depravações imorais, e ele queria uma única coisa.

Eu.

Baixei o olhar, tonta de medo, virando um pouco para que ele ficasse no meu ponto cego. Caronte estava procurando uma fraqueza, desesperado para tirar alguma vantagem de mim. Aquilo era apenas uma questão de poder para ele.

Não posso deixar que descubra sobre o olho e o ouvido.

Dois cães do inferno estavam deitados aos pés de Caronte, os ossos tremeluzindo como se estivessem falhando. Chamas azuis dançavam em suas órbitas oculares.

Eles não deviam estar visíveis.

— Alexis — chamou uma voz de barítono, suave como seda.

— Olhe para mim.

Obedeci.

Os olhos pretos de Augusto percorreram meu corpo da cabeça aos pés, *me acariciando*, procurando ferimentos.

Meu nome pairou no ar gelado entre nós dois, três sílabas curtas que ele de alguma forma fez soar como a mais depravada das maldições. Como sempre fazia.

Olhos cor da meia-noite se fixaram aos meus. Arquejei.

A expressão de Augusto era *voraz*.

O cabelo preto e branco caía solto às suas costas, as madeixas voando em volta dos ombros largos. A ponta vermelha da cicatriz espiava debaixo do capacete. Os tendões do pescoço estavam rígidos.

Perigo, gritou uma voz no meu subconsciente enquanto minha pulsação latejava nos ouvidos.

O branco dos olhos de Augusto virou poças vermelhas quando ele ativou os poderes Ctônicos.

Ele parecia *arrebatado*.

Ao seu lado, Caronte lambeu os lábios devagar.

O mundo desapareceu, e era como se só houvesse nós três reunidos na floresta de neve: os vilões perigosos e sua esposa relutante. Um trio de habilidades letais.

O poder absoluto corrompe absolutamente. Nem mesmo Lord Acton teria imaginado os poderes depravados dos Ctônicos.

Uma gota de sangue caiu dos cílios de Augusto, escorrendo pela bochecha como uma lágrima e desaparecendo debaixo do capacete espartano. *Nunca tinha visto um Ctônico fazer isso.*

Ele vai invadir a minha mente e despedaçá-la.

Senti o pavor percorrer a coluna. Augusto tinha atacado minha mente durante o torneio e forçado sua vontade sobre mim. E podia fazer isso de novo.

CORRA.

Augusto era um monstro.

Você também é.

Poco guinchou, as patinhas pretas abraçando o pescoço de Augusto enquanto subia no ombro dele. Os bigodes do guaxinim estremeceram e os olhos pretos brilharam.

Augusto não se mexeu. Apenas me encarou com olhos marejados e sangrentos.

Com os dedos formigando, esfreguei meu peito, onde o novo laço de casamento vibrava. Aquele que deveria aumentar a força dos nossos poderes. O mesmo laço que forjou os poderes aterrorizantes de Perséfone.

Augusto e Caronte eram duas forças indomáveis. Não havia como fugir deles, não havia um lugar em que eu pudesse me esconder onde não me achariam. Nem mesmo Creta era segura. Minha intuição tinha certeza.

Olhei ao redor e me concentrei em *qualquer coisa* que não fossem os dois deuses sombrios conectados à minha alma.

Galhos bateram com o vento.

Senti um arrepio no pescoço, porque meus maridos não eram os únicos me encarando.

Aquiles e Pátro estavam ao lado deles, me observando com uma intensidade que beirava a loucura.

Meus mentores.

Aquiles me olhou de cara feia, com um cigarro pendendo entre as grades da focinheira. A fumaça se ergueu em volta de seu rosto, os olhos vermelhos brilhando em meio aos filetes nebulosos. O cabelo estava puxado com força para trás, e a palavra *MORTE* estava tatuada nos nós dos dedos. Ele era uma presença ardente naquela floresta gelada.

Nero, seu lobo preto enorme e peludo, estava sentado de maneira obediente ao lado dele, com uma focinheira vermelha combinando.

Pátro abriu um sorrisinho arrogante, apoiando-se casualmente em seu amado. Popeia, sua jaguar graciosa, agitou o rabo para frente e para trás, os olhos cor de esmeralda cintilando.

Senti uma pressão sufocante apertar meu pescoço. Toquei a garganta de maneira protetora.

Predadores por todos os lados.

Desviei o olhar.

Hermos e Agatha estavam no fim da fila. Duas criaturas sombrias com sangue Ctônico em alguma parte da linhagem.

Hermos era uma infame górgona. Agatha era uma empusa, um tipo raro de espectro que *devorava* homens.

Ela me inspirava.

BUM.

Soltei um grito quando algo enorme saltou para a clareira.

Uma mulher montada em um monstruoso cavalo preto bufou para mim. Gotas carmesim cintilavam no ar em volta dela.

Ártemis.

Olhos azuis gélidos me observaram sobre um nariz aristocrático. O ar em volta dela estava cheio de medo, *literalmente*. O poder de Ártemis a cercava em uma neblina vermelha cintilante. Era o terror encarnado.

O cavalo enorme empinou.

Uma figura atarracada e familiar, usando uma toga preta de exercício, estava parada entre as árvores.

Não. Não pode ser.

Meio tímido, Drex deu de ombros enquanto seu tucano dourado abria as asas, agitado.

— Mas você é um Olímpiano — balbuciei.

O único *objetivo* da Congregação da Morte era oprimir e punir os Ctônicos depois que eles perderam a Grande Guerra.

Drex se aproximou.

— Os Olímpianos me exilaram porque Theros era meu mentor.

— A voz dele falhou. — Não tive escolha. Pelo menos aqui posso lutar contra os Titãs... com você.

Esparta ainda estava se recuperando da traição de Theros e de seu desaparecimento. *As Crônicas do Falcão* relataram que Ceres, uma musa da biblioteca do torneio, ajudou Theros a sequestrar a mim e outros herdeiros da Casa de Zeus. Foi ela que escondeu os bilhetes ameaçadores nos meus livros.

Depois que o artigo saiu, Ceres também desapareceu sem deixar rastro.

— Vou ficar bem — sussurrou Drex. — Talvez. — Ele estreitou os olhos. — Eu espero...

Nós dois vamos morrer.

— Estamos aqui — anunciou Ártemis — para darmos as boas-vindas a dois novos recrutas. Uma companheira Ctônica e o primeiro... *idiota*... a se voluntariar para a iniciação.

Ela mostrou os dentes, os olhos ensandecidos, puxou um arco manchado de sangue e o ergueu para a lua cheia.

É, essa é definitivamente a mãe de Caronte (Caronti).

— Em agosto, no Combate dos Gladiadores Espartanos, vamos exibir nossos poderes e despertar o medo no coração dos Olímpianos.

Ela disparou uma flecha para o céu.

Por favor, que ela me atinja.

Um esquilo caiu do galho mais distante com um baque alto.

Tá, alguém precisa impedir a Artrite (Ártemis).

Ártemis virou o cavalo para nos encarar.

— Segundo a tradição, em homenagem a Fidípides da Casa de Ares, vocês serão caçados por nossos veteranos por quarenta quilômetros na floresta.

Aquilo era sangue nos dentes dela?

— Eles vão lhes dar uma hora inteira de vantagem antes de irem atrás de vocês. — Ártemis bufou, como se achasse que isso era muito tempo. — Enquanto estiverem na floresta, se teletransportar e revidar é *proibido*. Não importa quantos tiros levem. — Ela sorriu. — Se não conseguirem sair da floresta e forem capturados, serão *assassinados*.

Drex choramingou.

Ah, legal, Artrite parece genuinamente animada.

Hades me lançou um sorriso tranquilizador.

Ele tinha me explicado tudo aquilo antes, e disse que todo mundo sempre sobrevivia, mas Ártemis fez a nossa morte parecer uma possibilidade *muito* real, algo que ela mesma faria acontecer.

— Depois da floresta, vocês podem se teletransportar — disse Ártemis, tentando ser engraçada, como se não tivesse que explicar aquilo porque já estaríamos mortos até lá. — Se não forem capturados até o amanhecer, serão membros da Congregação da Morte. Depois, podem escolher seu parceiro para a primeira missão. Se forem capturados, os dois espartanos responsáveis pela captura serão seus parceiros.

Caronte mostrou os dentes e Augusto abriu um sorrisinho, o vermelho ainda escorrendo de seus olhos.

Aquiles estalou o pescoço, a focinheira escondendo sua expressão. Pátro piscou com certa presunção.

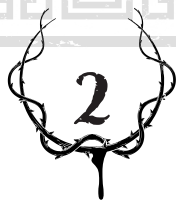
Ártemis ergueu o arco ensanguentado.

— CORRAM E SALVEM SUAS VIDAS!

Drex e eu não precisávamos ouvir duas vezes.

Nós nos viramos e saímos correndo pela floresta gelada.





O CAÇADOR

CARONTE

Cão e Inferno abriram caminho pela floresta sombria, os ossos brilhando enquanto corriam entre as árvores cheias de neve. Augusto corria ao meu lado.

O céu se abriu e a chuva enregelante caiu com força, cobrindo tudo com uma camada traiçoeira de gelo.

Era uma noite perigosa para caçar.

O tecido cicatrizado e as juntas deformadas doíam no meu joelho direito.

Desde que Alexis nos deixou, eu perdia o controle com muita facilidade. Tínhamos apressado a subida ao altar para evitar violar a lei do casamento, já que eu fiz 27 anos no dia primeiro de fevereiro.

Caçamos Alexis e ainda assim ela fugiu.

Você não passa de um fracassado.

Lembranças obscuras me sufocaram.

Ártemis e Érebo me inscreveram no CGE quando eu tinha 18 anos, para exibir a força do filho prodígio.

Mas eu fiz o imperdoável: perdi.

Derrotado e ferido, arfando na areia quente com a perna direita mutilada e destroçada, os ossos projetados para fora e manchas sangrentas pelo peito, eu me arrastei só com os braços até sair do Coliseu das Dolomitas e desmaiei nas coxias.

Choraminguei de dor, perdendo e recobrando a consciência, es-
perando pelos meus pais.

Ninguém apareceu.

Quando enfim acordei, Ártemis estava parada diante de mim
com uma expressão de desgosto.

— Você não é meu filho.

Foi a última conversa que tivemos.

Oficialmente, para evitar constrangimento com os Olímpianos,
eu era membro da Casa de Ártemis. Confidencialmente, estava de-
sonrado. Se Augusto não tivesse me acolhido e ajudado a me pre-
parar para o torneio, não sei o que eu teria feito.

Não pense nisso.

Eu me concentrei no presente.

Baixei a cabeça e ativei meus poderes. O laço dos protetores vi-
brou em meu peito. Forcei minha consciência nos meus cães do in-
ferno e mantive o ritmo da corrida. Meus sentidos se aprimoraram.

A floresta se iluminou com o verde neon da visão noturna.

Um cheiro de baunilha invadiu meus pulmões.

Senti esse perfume quando arrastei a língua pela delicada pele
dourada de Alexis, noventa dias, doze horas, trinta minutos e dez
segundos atrás.

— Eles não vão chegar à clareira a tempo — disse Augusto em
um tom estoico, perscrutando a floresta.

Ele era meu parceiro de caça.

Nós não tínhamos uma relação romântica. Pairávamos no limi-
te estreito entre a amizade e a devoção inegável. Alexis era a nova
cola que preenchia esse espaço.

— Vocês não vão ganhar — zombou Pátro, com uma voz monó-
tona, em nosso encalço. — Alex odeia vocês.

Foda-se ele.

Antes, eu o considerava um irmão.

Pátro deu uma risadinha perversa.

Já não considero mais.

Augusto olhou para trás e fez uma cara feia para os Ctônicos que
se aproximavam. O olhar assassino, com sangue escorrendo dos
olhos como lágrimas, era algo novo.

Desde que o laço de casamento foi selado, nossos poderes se tor-
naram mais voláteis. Mais fortes, porém mais dolorosos.

Tínhamos tudo o que sempre desejamos, e era um tormento.

Mais à frente, a uns trinta metros, duas capas escuras e esvoaçantes corriam pela floresta.

Isso são eles tentando?

Alexis e Drex se moviam como lesmas. Era só uma maratona, porra. Nem era tão distante.

Cachos dourados bagunçados brilharam na escuridão.

Alexis olhou por sobre o ombro direito, os olhos bicolores, um preto e o outro branco, arregalados de medo ao se fixarem em mim.

A eletricidade explodiu dentro do meu peito quando nosso laço incendiou.

O rosto de Alexis se distorceu de dor. Ela tropeçou, se virou para a frente e desviou por pouco de uma árvore.

— Cuidado, porra! — gritei. — Olhe por onde anda!

— Não se preocupe com ele, minha *querida aprendiz* — gritou Pátro, num tom zombeteiro. — Aquiles e eu estamos aqui!

Hermos gritou algo para Agatha, e um gatilho foi destravado.

Augusto se virou para trás em câmera lenta, os olhos pretos arregalados de puro medo.

Bang. Bang. Bang. Bang. Bang.

Os clarões dos canos das armas iluminaram a noite enquanto os tiros explodiam.

Drex cambaleou. Duas balas acertaram seu braço.

Alexis agarrou a frente da toga dele e arrastou o garoto para frente, ambos ziguezagueando sem rumo pelas árvores.

A vantagem deles estava diminuindo.

Doze metros.

Pátro gritou alguma coisa e Agatha gritou em resposta. Os dois sons foram engolidos pelo vento.

Meio sem jeito, Alexis puxou Drex para mais perto, jogando um dos braços dele sobre os ombros. Ela corria mais devagar, arrastando-o pela floresta sombria. O braço dele estava todo ensanguentado.

— DEIXE ELE PARA TRÁS! — gritei.

Alexis segurou o garoto ferido com mais força e continuou arrastando-o pela floresta.

Outro cano brilhou.

Bang.

O corpo de Alexis oscilou. Ela grunhiu e cambaleou. Passou a mão na perna. As luvas voltaram encharcadas de vermelho. O cheiro de cobre preencheu o ar.

Alexis agarrou o braço ferido de Drex. Ele gritou de dor, mas ela continuou a puxá-lo pelas árvores restantes.

Havia uma bala na panturrilha direita de Alexis.

Eles.

Atiraram.

Na.

Minha.

Esposa.

Augusto berrou.

Pátro gritou.

Uma dor estranha queimou minha perna.

Olhei para trás. Hermos, a perversa górgona, tinha uma arma na mão estendida, o tambor fumegando com a pólvora fresca.

Ele atirou na minha esposa com uma das armas espartanas que eu desenhei.

Eu sabia tudo sobre a espécie dele. Os treinadores na Casa de Afrodite eram todos górgonas. Torturaram Pátro quando ele era criança, só por diversão. Ele era fodido da cabeça por causa da cultura sádica das górgonas.

— Alcance ela primeiro! — gritou Pátro, e Aquiles acelerou, a focinheira coberta de gelo.

Augusto acompanhou o ritmo dele.

Os dois gigantes da Casa de Ares eram um borrão ao se moverem, mais rápidos do que os outros Ctônicos. Nasceram para ter poder.

— Cuide de Hermos, ou vou destruí-lo... de vez — ordenou Augusto, o sangue escorrendo copiosamente dos olhos conforme se desviava dos galhos.

Girei e parei, erguendo duas armas e disparando à queima-roupa.

Bang. Bang. Bang.

Hermos nem teve tempo de piscar.

Balas atravessaram sua cabeça, acertando os olhos, a boca e a testa, e o cérebro explodiu. O impulso o jogou contra o gelo depois de ele colidir com uma árvore.

Fui batendo os pés até o corpo caído de Hermos e chutei seu capacete espartano.

— Para que tudo isso? — gritou Agatha, cambaleando e se ajoelhando ao lado do parceiro abatido.

Meu peito arfava de raiva.

— Ele *atirou* na minha esposa.

Agatha segurou a cabeça de cobra ensanguentada de Hermos. O rosto dela se alternou depressa entre mulher e demônio.

— São as regras!

— É a minha esposa.

Eu me virei e corri, voltando para a caçada.

Um zumbido assustador preencheu o ar enquanto a chuva e a neve caíam com mais força, batendo contra o gelo.

Sombras se moviam à frente.

Quando finalmente saí da floresta, Drex estava deitado em um monte de neve, aninhando o braço, mas os ferimentos das balas já estavam se curando de alguma forma.

Que estranho...

Passei por cima dele.

No meio da clareira, Alexis recuava mancando. Seu protetor esquisito estava agachado na frente dela. Raios incendiaram o céu escuro, iluminando seus cachos dourados e molhados.

Augusto e Pátro se aproximavam dela devagar.

— É só vir com a gente! — gritou Pátro acima do vento. — Você odeia os seus maridos. *Nós* nunca te traímos. Não como eles.

Junto a ele, Popeia e Nero avançaram devagar.

Augusto balançou a cabeça.

— Não dê ouvidos a ele. Deixe que *eu* te ajude, minha *carus*.

Poco era um calombo em suas costas, escondendo-se da tempestade debaixo da capa.

Aquiles estava parado de braços cruzados, fumando na chuva e observando os dois homens se aproximarem de Alexis.

Caminhei pela sombra da linha das árvores.

— Deixe a gente te ajudar! — Pátro estendeu a mão. — Conosco é diferente... Não somos como eles.

Um trovão ribombou.

— Cuidado. — Augusto se virou para encarar o outro homem.

— Você está falando com a minha esposa.

Pátro soltou uma risada fria e solene.

— E por acaso o casamento vale... quando a noiva é encurralada, enganada e forçada?

Augusto ergueu o punho.

Aquiles se moveu depressa, empurrando Pátro para trás e parando na frente dele.

— *Não* me teste — disse Augusto, apontando para Pátro. — Não vou me segurar. Não quando se tratar dela.

Raios brilharam.

A focinheira coberta de neve de Aquiles cintilou quando ele sacou uma faca de caça serrilhada, que segurou contra a garganta de Augusto. Sangue pingou dos cílios de Augusto, congelando ao escorrer por seu rosto.

Eu me aproximei devagar, ignorando a dor na perna.

Alexis colocou as mãos sobre o peito e fechou os olhos, como se estivesse se concentrando.

E desapareceu da clareira.

BUM.

Raios brilharam outra vez.

Em uma nuvem de fumaça, Alexis reapareceu em frente à linha das árvores, a alguns centímetros de mim, e ficou chocada.

Ela não só fizera um teletransporte de curta distância, o que era bastante perigoso graças às chances altas de bater em objetos, como também viera diretamente para *mim*.

— Alexis! Uma árvore podia ter arrancado a sua cabeça! — Avancei na direção dela, esmagando a neve.

Alexis recuou depressa, fazendo uma careta ao bater as costas em uma árvore. Teletransportar-se machucada *também* era extremamente perigoso. A hemorragia dela estava pior.

— Me deixe te ajudar.

Ela se afastou, mas eu fui atrás.

— Alexis, não é bom se teletransportar quando se está ferida. Você podia ter se machucado! — gritou Augusto da clareira.

Ele correu até nós, com Pátro e Aquiles atrás dele.

De olhos arregalados, Alexis olhou dos homens que se aproximavam ao interior da floresta, como se debatesse suas possibilidades.

Ela não faria isso.

Quando machucados, os espartanos não se teletransportavam várias vezes em sequência, porque a probabilidade de perder muito sangue, ter um dano permanente ou sofrer um desmembramento grave era alta. Nós nascemos com um senso inato de autopreservação.

Alexis respirou fundo.

É claro que ela faria.

Por instinto, me joguei contra ela e segurei seu bíceps.

BUM.

Estávamos sozinhos. Parados em uma campina de grama verde.

A temperatura de maio era agradável. Com um brilho suave, o sol estava se pondo em uma névoa cor-de-rosa.

A uns trinta metros, uma floresta estava cercada com arame farpado. Uma placa com letras vermelhas dizia: “Titãs, Cuidado: Zona Protegida e Militarizada pela Federação Espartana.”

Ela nos levou de volta para Montana, onde a encontramos morando debaixo de uma lona.

— Você não tem senso de autopreservação? — gritei, horrorizado.

Alexis arrancou o braço da minha mão. Cambaleando, ela tirou as luvas encharcadas de sangue e encarou os dedos trêmulos.

— Drex — gesticulou com a boca, em silêncio.

Que brilho fraco é aquele nas mãos dela?

Ela limpou as mãos e tudo pareceu normal.

— Dois teletransportes seguidos? Que ideia foi essa? Está *tentando* se matar? — gritei, rosnando.

O olhar dela vacilou. Com os cílios cobertos de gelo e os cachos rebeldes congelados no rosto corado, Alexis tropeçou como se fosse desmaiar, o sangue escorrendo de sua perna.

Raiva e medo viraram uma mistura tóxica dentro do meu peito.

— Olhe para mim — ordenei.

Ela se virou de costas.

Pensamentos sombrios se misturaram a emoções impotentes. Minha agressividade só a afastava. Havia um motivo para eu ser conhecido como o caçador da minha geração: eu sabia o momento de mudar de tática.

Tenho que fingir ser um cara legal.

Respirei fundo, baixei a voz e relaxei a postura.

— Por favor... me deixe te ajudar.

O sol poente lançou raios cor-de-rosa em sua expressão teimosa. Tirei meu capacete e o joguei no chão, para mostrar a ela que eu não era uma ameaça (era sim).

— Temos que fazer um torniquete em volta da sua perna e fechar essa ferida. Você está perdendo muito sangue.

Devagar, desafivelei os coldres das axilas e joguei as armas na grama. Tirei minha camisa preta de caça e entreguei para ela.

— Amarre isso em volta da perna.

Alexis encarou a peça de roupa.

— Aqui, vou te ajudar. — Eu me ajoelhei.

As pontas dos meus dedos roçaram sua panturrilha. Sentir a pele dela fez meu braço se arrepiar, e eu engoli um gemido gutural. Mudei de posição, escondendo o volume indecente nas minhas calças, e enrolei a camisa no topo de sua panturrilha.

Contenha-se. Ela está machucada, seu animal. Com toda a delicadeza do mundo, eu amarrei a camisa e dei um nó.

— Obrigada — sussurrou Alexis, a voz rouca.

O gelo de seus cílios derreteu e a água pingou na minha bochecha. Ela estava me olhando com uma expressão estranha.

Tum-tum; tum-tum; tum-tum. Meu coração estava na garganta.

Era a primeira palavra que ela me dizia em meses.

Olhos marejados borraram minha visão. Pisquei para afastar a umidade.

Amarre-a. Segure-a depressa. Ela não está esperando. Jogue-a nos ombros e se teletransporte. Acorrente-a ao seu lado.

Engoli em seco.

Não. Dê a ela uma escolha.

Forcei meus ombros a relaxarem.

— Vamos... levar você de volta para a base e fazer uma atadura decente nessa perna. — Levantei-me e lhe ofereci minha mão. — Vou nos teletransportar de volta.

Seja o cara legal.

A expressão dela se tornou cautelosa.

Merda, eu devia ter agarrado Alexis de uma vez.

— Por que... não? — Meu pescoço ficou tenso e tentei não arrastar os dentes como um predador.

Esperei em silêncio.

A cabeça de Alexis se virou de maneira brusca, os olhos bicolores me atravessando com força. Sangue escorria de suas bochechas, de um corte feito pelos galhos das árvores. Os cachos se estendiam para todos os lados, e o rosto estava distorcido por emoções sombrias.

— Você me traiu.

Balancei a cabeça e mantive o braço estendido para ela segurar.

— Não... eu *me casei* com você.

A voz de Alexis era tão fria quanto gelo.

— Valeu a pena me machucar... só por causa dos seus p-poderes? Conseguiu tudo o que queria?

— Você *não* entende — falei, entredentes. — Não foi assim. Os Olímpianos... a opressão.

Ela revirou os olhos e me dispensou com um gesto da mão.

O diamante de dez quilates que lhe demos de presente dançou em seu dedo.

Não ataque a sua esposa.

Com paciência, estendi a mão para ela outra vez.

— Por favor, venha comigo.

Não a sequestre.

— Você me encurralou — acusou Alexis, a voz rouca. — Me perseguiu como se eu fosse um *animal*. Me torturou com seus poderes conturbados...

— SEUS PODERES AGORA TAMBÉM ESTÃO MAIS FORTES — gritei, perdendo todo o controle. — Acorde. A lei do casamento também teria se aplicado a você, princesa. O acordo te beneficiou tanto quanto a nós. Estou tentando ser um homem melhor *para você*.

— NUNCA TE PEDI PARA SER NADA! — gritou ela.

Enfie o punho na boca para me impedir de dizer algo do qual eu me arrependeria. Quando enfim recuperei o controle, desabafei:

— Me *desculpe* por te encurralar... pela perseguição... pelo casamento... por te sequestrar. Vou ser um cara melhor.

— E os m-membros decepados nas caixas? — sussurrou ela.

Estreitei os olhos.

— O que é que tem? Aqueles homens *desgraçados* tocaram em você contra a sua vontade. O que caralhos esperava que eu fizesse?

— *Qualquer* outra coisa, literalmente, exceto mutilá-los!

Bufei.

— Não seja ridícula, Alexis.

Ela ofegou, como se estivesse lutando para respirar.

— Ainda não entendo por que você rejeitou as joias — continuei.

— Elas não estavam à sua altura? Augusto disse que os humanos já reverenciaram o Diamante Hope. Ele achou que você ia gostar da referência histórica. Queria algo melhor?

Alexis cobriu a boca e pareceu engasgar, o rosto ficando roxo.

Relaxe o rosto.

— Seremos homens melhores para...

— Tudo isso é s-só físico — balbuciou ela.

Pisquei, atônito. Uma fúria gelada percorreu meu corpo.

— O que... caralhos você acabou de dizer?

Alexis jogou a cabeça para trás, a mandíbula trincada.

O sangue ainda escorria por suas bochechas quando ela ergueu o queixo num gesto teimoso, recusando-se a se acovardar diante da minha fúria.

Eu teria ficado impressionado, se não estivesse tão enfurecido.

— Repita — falei, baixinho. — Eu te desafio a repetir.

Ela arreganhou os dentes, os olhos brilhando.

— É só físico.

Eu avancei.

